

**EMPRETECIMENTO, SULEAMENTO E
ENDOGENAMENTO DE ESPAÇOS E CONHECIMENTOS
COMO CAMINHOS PARA A DESCOLONIZAÇÃO
EPISTÊMICA**

**BLACKNESS, SOUTHWARDING AND ENDOGENATION OF
KNOWLEDGE SPACES AS PATHWAYS TO EPISTEMIC
DECOLONIZATION**

**NGUMAHISA SA M'TIMA, NGUMA SA ULAMBWE NI WUDZIVI WA
DIH TSYNA MAKHALONI KOTA TINDZILA TOLWA NI
KUKHULULA KA UKOLONYI WUDZIVI¹**

Sónia Andréⁱ

RESUMO: Este artigo é resultado de partilha de experiências vividas e sentidas, na primeira pessoa, a partir do meu não ser branca, onde a cor da pele é a marca de nossas caminhadas em espaços que deveriam ser comuns para todas as pessoas. As invisibilizações e negações de produções de outras epistemes, a partir de sujeitos não brancos, não euronortecentrados, assinalam impossibilidades de suas existências e de produção de seus conhecimentos dentro das academias, recusando reflexões e ações para “educações” antirracistas e para a construção de sociedades sem cópias e obediências epistêmicas. Por esse viés, caminhos que possibilitem o desfazer de construtos tidos como verdadeiros, buscando abordagens descolonizantes, num diálogo com os saberes dos povos africanos, afrodiáspóricos, e/ou não brancos, são de suma importância.

Palavras-chave: Educações antirracistas. Descolonização. Saberes africanos/afrodiáspóricos.

¹ Tradução livre, como n'txopi que sou, com ajuda de meu tio, Sousa Augusto Bape, sem recurso as uniformizações das/os acadêmicas/os, universitárias/os linguistas, mas como falantes e nativos deste povo. N'txopi é a pessoa nascida e “falante” de txitxopi.

ABSTRACT: This article is the result of sharing lived and felt experiences, in the first person, of me as being non-white, where skin color is the mark of our passage in spaces that should be common for all people. The invisibilization and denial of productions of other epistemes, from non-white, non-Euronorth-centered subjects, show out the impossibilities of their existence and the production of their own knowledge inside the academies, refusing reflections and actions for anti-racist “education” and the construction of societies without imitations and epistemic obediences. From this perspective, paths that enable the undoing of constructs considered to be true, seeking decolonizing approaches, in a dialogue with the knowledge of African, Afro-diasporic and/or non-white people, are matter of utmost importance.

Keywords: Anti-racist education. Decolonization. African/Afrodiasporic knowledge.

INKATXACANHO: Ayi ndima i mihandzo yaku tsanganisa ka mapimo inga ka sitsunduzu hinga hanya kasona, ni si hingasipfa, ku dihkambi doh khata, ku khukhela ka wulandi wangu, a hawua i m’bahla wa ndih dohwuo txivango txa dnzila yathu ku sivangu sifanelaku i dih si savathu votse. Kwambi khanyinsa niku lambiselwa kubindula wumwanyani wudzivi, kukhukhela ka vathu va m’bhala wova wusinga wo bahsa, tikombisisa kwambi sikota kumaneka kwawe ni ku bindula wudzivi wawe indani ka siklolwa, va txilamba kuyelheketa ni madzumbelo, kasi kugondisa tilhaua lhongwe ni yaka ka txisukulwana txakwambi ephetela wudzivi. Ngu ndzila yoneyo, tindzila a ti tihehukisaku kulhota ka wudzivi awu wonekaku idih wa dihtsurhi, kutxilavetelwa mawombela malwisaku ukolonhy, kumabulu ya wudzivi ya txitsungu txa va n’tima, nda lisima dah ntsima nstima.

Mapswo yo tula: Sigongo solwa ni txilhaua lhengue. Kukhulula ka ukolonyi. Udzivi wa vafirika.

Na Kal lingu Ke n na Skirbi nel / Em que língua escrever

Na Kal lingu Ke n na Skirbi / Em que língua escrever
Na diklarasons di amor? / As declarações de amor?
Na kal lingu Ke n na kanta / Em que língua cantar
Storias Ke n Kontado? / As histórias que ouvi contar?
Na Kal lingu Ke n na skirbi / Em que língua escrever
Pan n Konta fasañas di mindjeris / Contando os feitos das mulheres
Ku omis di ña tchon? / E dos homens do meu chão?
Kuma Ke n na papia di no omis garandi / Como falar dos velhos
Di no pasadas ku no kantigas? / Das passadas e cantigas?
Pa n kontal na kriol? / Falarei em crioulo?
Na kriol ke n na kontal! Falarei em crioulo!
Ma kal sinal ke n na disa / Mas que sinais deixar
Netus di no djorson? / Aos netos deste século?
O n na tem ku papia / Ou terei que falar
Na e lingu lusu / Nesta língua lusa
Ami ku ka sibi / E eu sem arte
Nin n ka tem kin ke na oioin / nem musa
Ma si i bin sedu sin / Mas assim terei
N na tem palabra di pasa / palavras para deixar
Erderus di no djorson / Aos herdeiros do nosso século
Ma kil ke n tem pa konta / Em crioulo gritarei
N na girtal na kriol / A minha mensagem
Pa rekadu pasa di boka pa boka / Que de boca em boca
Tok i tchiga si distinu / Fará a sua viagem
Na rekadu n na disal tambi / Deixarei o recado
Na n fodja / Num pergaminho
N e lingu di djinti / Nesta língua lusa
E lingu ke n ka ntindi / Que mal entendo
Pa no netus ku no herderus bin sibi / E ao longo dos séculos
Kin ke no sedu ba / No caminho da vida
Anos... mindjeris ku omis d è tchon / Os netos e herdeiros
Ke firmanta no storia / Saberão quem fomos”.

Odete Semedo, 1996

Atendendo e considerando que nosso “netos e herdeiros” deverão saber quem fomos, por meio do que deixamos como herança, nestes casos a intelectual, é fundamental que sejamos as pessoas que lutam, também pela descolonização mental, de escritas, constructos, pensamentos, permitindo desta forma, que as pessoas não brancas e/ou embranquecidas sejam conscientes de si e de suas heranças identitárias, por meio da língua que utilizam em suas comunicações. Pois, “se você sabe todas as línguas do mundo, menos a sua, isso é escravidão. Mas se sabe sua língua materna e aprende outras, isso é poder.” Assim como Paulina Chiziane, permanentemente, nos chama à razão de africanas que somos, o escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong’o, um dos principais intelectuais do continente africano defendeu a preservação das línguas locais, durante sua fala sobre dilemas da África, na entrevista para o Globo, na Flip 2015.

Não somente na Flip – 2015 nos exorta a pensarmos e escrevermos em nossas línguas, como africanas/os que somos, mas em seus escritos como, por exemplo, *Decolonising the Mind* (Descolonização Mental) – 1986; *Moving the Center* (Movendo o Centro) – 1994. Por esse viés, peço licença a estas academias brancas, embranquecidas, para que a voz de uma preta, do continente africano, dos *vaxopi*², do distrito de Zavala, província de Inhambane, sul de Moçambique, ecoe ao escrever, pelo menos, o resumo deste manuscrito em sua língua materna não colonizada. O *txitxopi*³. Exercendo a faculdade de se manifestar como um ato de liberdade e resistência e chamar todas minhas/nossas ancestralidades, as mulheres dos meus vilarejos, as *tinyanga*, *mapungo*, *makosi*, *ciangadiba*, *cianakanga*, representadas, no Brasil, pelas ialorixás, para que nos acompanhem nestes pensamentos, leituras e reflexões.

Chamá-las não apenas para reverenciá-las, mas também agradecê-las porque desbravaram/desbravam caminhos, permitindo que aqui pudéssemos estar, com mais leveza, talvez, e de cabeças erguidas para que nossas coroas não caiam. Para que nossas bocas rompam os silêncios abafados pela máscara de metal colocada a nossa princesa e escravizada Anastácia e que nossos corpos não virem museus e zoológicos como o da Saartjie Baartman.

Estas academias que me deram diplomas/formaram o fizeram a partir da razão, língua, objetivos deles (meus também) e negaram outras formas de aprender, escrever, pensar, estar com a outra pessoa. Negaram as outras formas de sentir, ensinar e aprender a partir do que não pudesse ser pelo inglês, espanhol, francês, português. Esses objetivos transformam e condicionam – Lott (2012) de alguma forma, a maneira do nativo não branco de pensar e entender o mundo que lhe é apresentado a partir desses ângulos e discursos, pois:

[...] A língua do homem branco, a tecnologia que ele introduziu, as conveniências que resultam dessa tecnologia, a síndrome da classe média, as áreas de domínio individual em que se nasceu – todas essas questões e outras associadas com o modo de viver branco – tornam-se parte de sua bagagem pessoal [...] (Mphahlele *apud* Reis, 1999, p. 33).

² Que quer dizer do povo chopi.

Em Moçambique, “a síndrome da classe média” estaria presente em todos os sujeitos que deveriam abandonar e abandonaram suas culturas, línguas, conhecimentos, ancestralidades, cultos, costumes, tornando-se, desta forma, assimilados, aos olhos do colonizador/invasor – (André, 2019, p. 107). Postura que se perpetua até a atualidade, ao encontramos famílias a não ensinarem suas línguas maternas a seus filhas/os, alegando-as de atrasada, mesmo com valorização das línguas nacionais, pelo Estado moçambicano, ao proporcionar o sistema bilíngue⁴ no sistema escolar, desde as classes iniciais.

Mesmo assim, sintam-se saudadas/os e agradecida/os pelas vossas escutas, ao se depararem com estas reflexões e inquietações. Lá em casa, temos duas palavras: 1 – a palavra da **fala** e 2 – a palavra da **escuta**. Por mais incrível que pareça, a mais importante destas duas palavras é a palavra da escuta. É a escuta, a partir de vossas leituras, que dará sentido a palavra falada (escrita) e juntas/os resistirmos, existirmos, empretecermos e sulearmos nossas escolas, universidade, ocupando espaços, discursos e narrativas.

É nesse não saber em que língua falar ou escrever, Odete Semedo, que, lhe chamo, também, para estar comigo e me acompanhar nestes pequenos escritos, pois meu sotaque (escrita) denunciará que não sou de cá. Que sou de lá. Um lá não europeu. Um lá não estadunidense, pois não será do português, inglês, francês, espanhol, italiano. Será de um lá que me perguntarão: Vocês são de onde?! – (André, 2022, p. 1). E nesse me perguntar “você é de onde?”, me calo, em alguns momentos, para apenas observar, aprender, pois o ditado já nos ensina: em terra de estrangeiro não se pode falar tudo. Em outros, e necessários, tenho que me posicionar para que as perguntas que nos fazem, que não são ou serão de curiosidade, mas sim de exclusão, negações elaboradas e marcação de territórios e de fantasias colonizadas e colonizadoras, permitam que caminhemos e sigamos, e que um dia, mesmo que distante, “nossos netos e herdeiros e herdeiras saberão quem fomos” – (Semedo, 1996, p. 12-13).

Abrindo um parêntese, a Odete Semedo com o seu poema “*Na kal lingu na kal skirbi nel*”, traduzindo para o português seria algo parecido com “Em quem língua escrever”, mostra os dilemas que nós, oriundas/os de países multilíngues e falantes dessas variadas línguas, desde nossas casas, e em nossos momentos mais íntimos com nossas ancestralidades/divindades, encontramos em nossos processos de aprendizagens e escritas, dentro dos espaços em que a língua do invasor é a privilegiada, legitimada e validada. Mesmo assim devemos seguir conscientes de onde viemos, onde estamos e para onde queremos ir – (André, 2022), escrevendo no idioma deles e mantendo nas entrelinhas e para além das linhas nossos idiomas, que estarão visíveis na nossa forma de pensar e expressar.

A consciência de que não sou de cá, que “vim de outras águas e me misturei a estas de outros ventos, de outras cores e temperaturas” – (André, 2022, p. 15), que não me encaixo nos discursos universalizados, legitimados e elitizados, faz com que exista, resista e tenha a coragem de falar para ele/as que não fomos nós que inventamos essas castas em que as pessoas com melanina e/ou as que possuam outras identidades, corpos, escritas, pensamentos, conhecimentos, devam ser negadas e excluídas de espaços que lhes são de direito.

Ao fazer esse exercício de fala, que seja, também, para mostrar que jamais devemos ficar presas/os às histórias por elas/es contadas, mas que procuremos, a todo momento, o sentido do nosso

⁴ Modelo que consiste no uso das L1 das crianças nos primeiros anos de escolaridade enquanto paralelamente aprendem a língua portuguesa.

destino, e nos lembremos, permanentemente, que o verdadeiro salto é introduzir a invenção da existência, resistência e construção de outras formas de resistências acrescidas as que já as realizamos, pois ela é a forma mais acabada de antirracismo⁵, como falou Mamadou Bá, em uma palestra realizada na Universidade Federal do Pará, no dia 22 de agosto, na Casa Brasil-África. “A resistência é a forma mais acabada de antirracismo”.

Olhemos para nossos percursos e de nossos antepassados. Quantas vezes tentaram nos calar, acabar, aniquilar, silenciar? E lá resistiram e resistimos: cultuando nossas fés, nos orgulhando de nossas raízes identitárias, resgatando nossas histórias e conhecimentos a partir de nós e de nossos antepassados, trazendo para estas academias e demais espaços brancos e/ou embranquecidos nossos pilares e referências, mantendo nossas línguas e aprendendo as do invasor para compreendermos as armadilhas que arquitetaram e arquitetam sobre nós e podermos montar nossos sistemas de resistências, criando estratégias e ações frente aos processos de colonizações e, posteriormente, descolonizações de construtos e narrativas.

Para além da imposição das religiões cristãs e suas culturas, formas de ser e estar, a língua foi uma das marcas violentas de dominação e negação do outro nativo, não euronortebranco, bem utilizada para a divisão o continente africano a partir de suas ambições. Essa dominação, visível na atualidade, em particular nos povos africanos e nas formas de produção de conhecimento, em que a língua do invasor deve ser a principal nestes processos, continua a ser a forma de invalidação da outra pessoa não falante das línguas euronortecentradas.

Essas divisões do continente africano, a partir de suas ambições, sem respeito ao nativo e local, deixaram marcas profundas do invasor, das quais nos esquecemos com facilidade que “os países africanos, como colônias e até [...] como neocolônias, vieram a ser definidos e a definir a si mesmos de acordo com os idiomas europeus: países africanos falantes do inglês, francês ou português” (Thiong’o, 1997, p. 5), invalidando, desta forma a produção de conhecimentos a partir de, por exemplo, o txitxopi, língua que também:

[...] carrega a cultura, e a cultura carrega, particularmente através da oratura e da literatura, todo o corpo de valores pelos quais vimos a perceber a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Como as pessoas percebem a si mesmas [...] como elas vêem a sua cultura, suas políticas, sua produção social de riqueza e toda a sua relação com a natureza e os outros seres. A língua é, portanto, inseparável de nós mesmos como uma comunidade de seres humanos com [...] uma história específica, uma relação específica com o mundo (Thiong’o, 1997, p. 16).

O uso de nossas línguas, enquanto povos não brancos, em nossas produções e intelectualidades

[...] é essa arma de resistência dos oprimidos, das classes que lutam contra o imperialismo em sua etapa neocolonial. Essas classes têm que aprender por meio da educação que descobrir suas

⁵ Todas as formas de racismos que podemos encontra em nossa caminhada: racismos acadêmicos, intelectuais, estruturais, sistêmicos, religiosos, culturais, regionais, entre tantas outras.

múltiplas línguas para cantar a canção ‘O povo unido jamais será vencido’ (Thiong’o, 2010, p. 9).

Para isso, é preciso que desatemos as amarras e rótulas por eles/as colocadas. Mesmo não sendo de lá, com outras formas de pensar, estar, sentir, aprender e falantes de uma língua não euronortebranca. Ainda que insistam em nos aprisionar pelas categorias de inferiorização por ele/as colocadas. Salientar que “entendo o diferente em relação àquele que se acha no direito de se definir como normal” – André (2021). Diferente será aquela pessoa negra, indígena, mulher, não homem e não mulher, de outras crenças, praticante do unyago, que cultua suas ancestralidades, de corpos exotizados e erotizados, com sentimentos fluidos, não falante do inglês, espanhol, francês, português, italiano, de outras existências e pertencimentos, alicerçados em outros pilares e referências, uma vez que não se encaixará nos parâmetros arquitetados por elas/es.

Ao me propor refletir sobre suleamentos e empretecimentos é para refletir sobre os por quês da (in)existência⁶ de autoras/es pretas/os, empretecidas/os do continente, diaspóricos e afrodiáspóricos em bibliotecas de nossas escolas e universidades!?. É para indagar aonde andam Chiziane (1994, 2014, 2015, 2016), Oyewùmí (1997, 2007, 2004, 2021), Amadiume (2012), Mama (1995, 2001, 2011, 2022), Gonzales (1983, 2008), Carneiro (2023), Evaristo (2008), Akotirene (2021, 2022), Gonzalez (2018), Evaristo (2007, 2009, 2017), Mbembe (2000, 2010, 2014), Fanon (2008), Bâ (2003, 2010, 2017), Diop (2015), Ramose (2010), Malomalo (2019) Gonzalez (2018), Castiano (2013), Ngoenha (2005), Cossa (2019, 2020), Bijagó (2020, 2021), entre outras/os. Apenas para refletirmos.

É para, também, mostrar nossas travessias, não mais em porões de navios que nossos antepassados foram empilhados sem identidades e sem direitos, como bem sabeis, mas em aviões, com malas, carregando nossas raízes identitárias, passaportes com outros objetivos e outras texturas. É reescrevermos e reescrivivermos, a partir de outras gramáticas e cartografias, as memórias vivas de nossas/os ancestrais que aqui, no Brasil, desembarcaram e reinventaram suas existências, negadas a todo instante de diferentes formas e variados sistemas, recusando a escutar histórias lineares, como bem falados pela Chimamanda Ngozi Adichie (2019), ao nos apontar o perigo da história única.

As negações que nossos ancestrais vivem em terras brasileiras e moçambicanas manifestam-se de várias formas e simbologias, por exemplo, ao encontramos pessoas a dizerem que nossos antepassados são “demônios”⁷. Que devem ser esquecidos e não reverenciados. Que nossas avós, quanto mais velhas forem, são feiticeiras, negando o papel importantíssimo para nossas filosofias de africanas que somos, a de nossas bibliotecas. Que nossos conhecimentos são menores e do continente africano nada de bom pode se esperar.

Na atualidade, de entre vários exemplos que poderia citar, os corpos femininos sofrem ao lotarem os mercados de beleza para a compra de produtos para clareamento de peles, que as permite estarem mais próximas das brancas europeias, mesmo correndo riscos de vida. A procura desenfreada por perucas de cabelos mais lisos das brancas, pois os cabelos crespos são apontados como “ruins”, cujo abandono é um imperativo capitalista e colonizador. Vale salientar que não estou contra todas

⁶ Pouco e não existentes

⁷ Lembrando que demônio é produção o Ocidente.

essas formas de entender e viver o mundo. Respeito. Mas chamar à reflexão sobre o perigo das histórias únicas, lineares e suas validações, num país, como Moçambique, que venera o que vem de fora, sem nenhum questionamento.

As histórias lineares narradas a partir de um lugar e línguas do colonizador/invasor negam as vidas de negras/os, no caso do Brasil, ao permitirem que ao saírem de casa só tenham a certeza de que saíram de casa. Que não tenham as certezas de voltarão em segurança, sem que sejam abordadas/o como sujeito que inspiram desconfiança, que precisam ser teleguiadas/os, barradas/os, estranguladas/os, executadas/os. Uma execução à luz de um embranquecimento brasileiro, alicerçado no racismo à brasileira, como nos ensina Kabenguele Munanga (2020).

Os sistemas de negações das/os pretas/os e demais povos não brancos e tudo que as identifica como tal, estão alicerçadas, para além, na dita democracia racial, na catástrofe de um projeto político e de sociedade, propositado, construído e legitimado pelas branquitudes e nas bases de países de racismo sem racistas. Destacar que me refiro o branco, embranquecido, não do ponto de vista fenotípico. Apesar de o ser e legitimado pelos sistemas e ações. Mas do ponto de vista discursivo, de pertencimento, não pertencimento, negações e opressões. Pois existem brancos mais pretos, assim como existem pretos mais brancos que legitimam a negação da outra pessoa a partir do que a identifica como não branca. Ou seja, o racismo à brasileira – Munanga, 2020.

O Brasil é um país de racismo sem racista, pois ninguém se assumirá racista, se não pelas vozes e dores das pessoas que sentem o dedurar das ações racistas denunciadas pelos seus fenótipos e simbologias, gritando as feridas profundas que carregam desde a chagada de suas ancestralidades, cuja resistência se encontrará nas diversas coletividades: como no candomblé, umbanda, xangó, quilombos, capoeira, jongo, samba, unyago, umbigadas, movimentos negros, nas Artes, nas/os autoras/es negras/os apagadas/os.

Perguntemos para um/a brasileira/o se é racista ou não. Este/a dirá: não sou. Meu vizinho é. Meu irmão, meu sogro, minha sogra, meu professor, minha professora, minha tia. Eu até tenho um amigo, uma amiga negra, vinda dá África. O racismo que está na outra pessoa ratifica os sistemas sociopolíticos de negação, refletidos na terceira pessoa, uma vez que esta/e precisará de um espelho para melhor se enxergar. Mesmo assim, a Outra pessoa que será racista, e jamais ele/a.

Essa postura de negação, exclusão está atrelada, também, à recusa de entender que esses corpos negros, que outrora foram forçados a deixar seus aposentos e seguirem para estas terras, se juntaram aos povos originários das Américas, reinventaram vidas, crenças, religiosidades, construção de saberes e levantam a voz para dizer o que Dona Lara nos ensina: “eu vim de lá, eu vim de lá, pequeninha, mas eu vim de lá pequeninha, mas alguém me avisou para pisar este chão de vagarinho”. Sim, pisar de vagarinho para que “nossos corpos não virem a carne mais barata do mercado”, como nos lembra a eterna Elza soares. Colocada como barata, mas tão barata, que em nome da família modelo tradicional são coisificados/objetificados e vistos em seu estado natural como o de mantenedora da espécie humana e objeto de recepção de prazeres alheios, sem direitos à vida e dignidade humana.

Esses corpos que circulam por estas terras são barrados pelos sistemas brancos e pessoas brancas, que negam que o berço da humanidade possui mais de 50 países, por eles divididos. Com uma área maior que a Europa, que os Estados Unidos da América, que a China, mas que nos mapas

mundiais, presentes em nossas escolas e universidades, incluindo na dos países africanos, é exposto, ensinado e reproduzido em tamanho menor.

Vale ressaltar que esses mais de 50 países surgiram pela ambição egocêntrica, narcísico, animalésca e invasão do ocidente às terras sagradas de nossas rainhas, princesas e ancestralidades. Uma invasão, não apenas do ponto de vista geopolítico, geodivinoancestral, saqueando (continuam saqueando nossos territórios e conhecimentos), mas também invasão dos corpos, estuprando nossas mães, tias, avós, irmãs, filhas, pensamentos, sabres, almas. Roubando e invalidando nossas intelectualidades.

Ao colocar o berço da humanidade em tamanho menor, ensinado em nossas escolas e universidades e demais espaços educacionais, eterniza-se a ideia hegeliana e de seu grupo e seguidoras/es, de que daquele lugar nada de importante e interessante possa vir, surgir ou nascer. E que todos os sujeitos que lá se fazem e realizam são, também, de um saber, pensamento menor e com incapacidades, precisando, desta forma, de ajudas, proteções e guias.

Recusam-se a perceber e/ou aceitar o poder do continente africano presente nas meninas e mulheres anônimas e não anônimas, que nele se fizeram/fazem e se realizaram/realizam, como, por exemplo, na rainha Bibi Acivaanjila, do povo yaawo, Niassa/Moçambique; Okinka Mpana, de Guiné-Bissau; Ndzinga Bandi, de Angola; Amina, rainha huaçá de Zazau (atual Nigéria); Ranavalona, rainha de Madagascar; Nandi ka Bhebhe, rainha Zulu, apagadas da memória dos povos pelos sistemas negacionistas e de silenciamentos.

Na atualidade, ainda que de forma ficcionada e Hollywoodiana, podemos visualizá-las nos filmes *Black Pantera* (2018) e *Black Pantera II* (2022), *The Woman King*, (2022) como janelas verdadeiras das histórias, geografias, culturas, conhecimentos, ciências da natureza, as Artes, tecnologias das Áfricas, que mostram mulheres que não precisam de sujeitos falocêntricos e de matxocracias cruéis e de homens com pólvora para as defender e defender seus espaços e descendentes. Que elas nunca estiveram à espera de nenhum príncipe encantado que trará e colocará aquele esperado sapato cristal e brilhante e colocar nos pés delas, ou que virá cochichar dizendo: *Lavenders blue, dilly, dilly /Lavender's green; When I am king, dilly/dilly You shall be queen.* (Lavanda é azul, tim-tim / Lavanda é verde / Quando eu for rei, tim-tim / Você sê-la-á (será) rainha⁸).

Não. Nós, as mulheres africanas, afrodiásporicas, afro-brasileiras, conscientes de si e de suas raízes identitárias, não precisamos que eles se tornem, reis, príncipes para que nós sejamos rainhas e princesas. Pois já nascemos princesas e rainhas ancoradas nas filosofias, pedagogias e éticas do cuidado ancestrais. E dizemos para eles mesmos, ainda nos valendo do filme Cinderela e da língua deles, pois as minhas línguas eles não entenderão: *Who told me so, dilly dilly? / Who told me so? / I told myself, dilly dilly / I told me so* (Quem me disse isso, tim-tim?/ Quem me disse isso?/ Eu disse a mim mesma, tim-tim / Eu disse isso para mim⁹).

Sim, eu digo para mim mesma, para minhas filhas, irmãs, mulheres com ou sem úteros, ancorada nestas minhas/nossas ancestralidades, negadas pelo todo ocidente e o que se diz norte global. Negada por todos os sistemas que se acham no direito de validar e difundir conhecimentos de formas

⁸ Tradução livre da música do filme Cinderela

⁹ Idem

lineares a partir do que acham certo, em um viés de dicotomias: belo/feio, cis/trans, alto/baixo, gordo/magro, certo/errado, homem/mulher.

A redução e negação de nossos territórios, seres e referências faz com que continuem a invalidar as grandes escolas de nossas ancestrais que o sistema escolarizado euronortebranco não dará conta, uma vez que estão ligadas a cosmopercepções e não visões de mundo. Escolas que ensinam a dialogar e não destruir a natureza a favor do “bicho homem”, pois nós somos a natureza. Escolas com conhecimentos endógenos que lhes foram/são roubados, negados, invalidados, cuja engenharia me fazem entender a/o Outra/o diferente como parte importante de minha/nossa existência. Escolas que me convidam a rever minhas costuras e bordas, ao me convidar a passar por experiências que a/o outra/o diferente me interpele, me afete, me atravesse, me desnude, me dispa. E nesse me desnudar, nesse me despir, eu me encontrar e tentar me humanizar. – André (2021).

Essas escolas são espaços, por exemplo, em que se realizam o *unyago*, o *mwali*, *otchetheliwa*, *wineliwa*, nas línguas das províncias do Niassa, Nampula, Zambézia, respectivamente, que popular e equivocadamente chamam, em Moçambique, por ritos de iniciação. Eles terão outros nomes, em outras províncias e línguas, cuja prática é negada, perseguida por sujeitos fora daquelas realidades e/ou ancoradas numa lógica de negação da/o outra/o que carrega suas raízes identitárias. Essa perseguição que começa no período colonial até a atualidade “é resquício de um colonizador que soube de alguma forma, eu digo, deixar suas marcas de colonizado vivas na mente de muitas e muitos, as quais se manifestam de várias formas”, (André, 2021, p. 4).

Considero equivocada a forma que chamam, por exemplo, o *unyago*, *mwali*, *otchetheliwa*, *wineliwa* por ritos de iniciação, pois estas pessoas, guiadas por um discurso negacionistas e de apagamento da cultura da/o outra/o assim o chamam e não sabem que todos os povos possuem seus ritos e rituais, que por sinal, importados, validados, praticados, difundidos e defendidos por elas/es como os mais civilizados a serem seguidos e perpetuados.

Sabendo que os ritos de iniciação, seja de que povo ou cultura forem, têm a função de fazer com que a/o incianda/o passe de uma etapa da vida para outra. Passe da fase de criança para a adulta, atendendo e considerando que o ser criança ou não é mensurado pela idade cronológica e anos acumulados dos sujeitos, mas por ter passado ou não pelo ritual, (André, 2019, p. 22; André, 2021, p. 7).

Questionam esses processos de passagens, suas escolas e sistemas de “educações” milenares, alicerçados em suas ancestralidades e outras formas de produção de conhecimento, mas não questionam e não negam, por exemplo,

[...] a escola, tornando sujeitos não escolarizados em escolarizados; o batismo, tirando pessoas do paganismo para “filhos(a) de Deus”; o casamento, transformando solteiros em casados; o baile de debutantes, ou como popularmente é chamada a “festa dos 15 anos”, que marca o fim da infância – (André, 2019, p. 56).

As escolas ancestrais possuem sistemas e estruturas próprias e complexas, que se processam a partir das cosmopercepções para a produção e manutenção de seus conhecimentos, pois, partem de

outros sentidos e relações com a/o outra/o, com a natureza, com o divino-sagrado, com o cosmo, com as ancestralidades e não somente pela racionalidade de um viés linear e unilateral. Entendo a visão de mundo, como sendo a forma que o ocidente e tudo que nele se funda quer que sejamos, nos entendamos e nos conduzamos. A visão de mundo é como norte global nos entende, nos define e nos obriga a sermos como eles querem que sejamos se valendo de modelos e sistemas deles.

É imperioso que endogenizemos nossos espaços, conhecimentos e seres, para a construção de sociedades humanas, justas e de equidade. Para a construção de escolas, universidades e demais espaços educacionais com saberes e referências suleados, pois as academias que temos são ocidentais ou ocidentalizadas e a serviço de um imperialismo ocidental que engessam e embrutecem as sociedades, disseminando branquitudes intelectuais e epistêmicas, racismos acadêmicos, cometendo epistemicídios, ao propagar educações que negam a/o outra/o eu com sua pluriversalidades, por meio de uma gramática que vai de encontro à gramática africana que é bioepistêmica e cosmoperceptível.

As cartografias e gramáticas bioepistêmicas e cosmoperceptíveis são as que nos conduzem as leituras das escolas por meio das bionarrativas:

[...] onde se ensina não só a estar com o outro diferente, mas também a se ter o cuidado com o que nos rodeia, com a natureza, pois a natureza somos nós, nós somos o ecológico [...]. Fraternidade, união, sentir, olhar compassivo, um lugar que permite as sinfonias universais, em que se aceita a/o outra/o com sua corporeidade, espiritualidade, racionalidade, historicidade e nos faz rever nossas costuras e bordas. Ensina-se a olhar o outro com afeto que comunica, que dialoga, que cuida. O espírito de partilha, de se preocupar com a/o outra/o, do cuidar umas as outras, uns aos outros, fazem parte de uma ética chamada ubuntu [...]), típica de comunidades africanas em suas formas de ser e estar. Somos convidadas/os a não ter cuidado apenas, mas a sermos cuidados. (André, 2021, p. 13).

É dentro dessas escolas, com saberes endógenos, que as múltiplas sinfonias se orquestram, apontando caminhos de diálogos com a natureza e de se estar com e para a/o outra/o, pois ele/a é parte fundamental de minha/nossa existência.

Considerações finais para outras travessias

Estes exercícios de escrita, narrações são uma tentativa de contar nossas histórias, a partir de nossas lentes, olhares, vivências, desmentindo as mentiras contadas a partir de matrizes euronortebrancas e interesses imperialistas brancos, mostrando para o mundo que o que elas/es não entendiam/entendem quando invadiram/invadem as terras de nossas ancestrais é o alicerce que devemos nos firmar.

O que não entendido, pela sua complexidade, foi/é colocado numa lógica e relação de inferiorização, negação e até mesmo criminalização, como, por exemplo:

- Os sistemas milenares de probabilidades, utilizados pelas/os nossas/os *tinyanga*, *cianagadiba*, *cianakanga*, *maphungo* são vistos e colocados como meros adivinhos, e se recusam a perceber

que se valem de cálculos complexos, bem sintetizados pelas regiões como a da atual Nigéria, Benin, Togo, entre outros espaços do continente mãe.

- Nossas plantas/ervas medicinais são consideradas algo menor e desprezível, quando praticados por nós. São fitoterapias quando é o ocidente e/ou ocidentalizada/o a se valer delas, criando, inclusive farmácias, rotulando nossos saberes, sem a devida permissão.
- Nossa Arte (música, dança, teatro, plástica, entre outras formas) é tribal, pois se apresenta não a partir de uma lógica racional, mas por um viés holístico e com diálogo permanente com nossas ancestralidades, com a natureza, com a/o outra/o.
- Os *n'rondo*, por exemplo, vistos como espaços de “diabo e feitiçaria”, pois se recusam a perceber que são espaços ritualísticos, escolas com estruturas próprias e complexas que produzem e matem conhecimentos de nossos antepassados, passados de geração em geração de forma oral, das/os mais velhas/os para mais novas/os. Vale salientar que o ser mais velha/o, mais nova/o não é mensurado pelo acúmulo cronológico de anos vividos, mas por ter passado ou não pelos processos ritualísticos daquelas comunidades.
- Quando carregamos nossas missangas, contas em nossos pescoços, cinturas, pulsos, calcanhares, como nossas guias, proteção, acompanhamento do crescimento das crianças, são “feitiçarias/bruxarias” e fogem de nós. Mas quando elas/es carregam, por exemplo, seus terços e demais fitas de seus santos, são benção e proteção. O uso das missangas, por exemplo, nas cinturas das meninas, uma das inúmeras funções é de observar o crescimento ou adoecimento desta. Se o cordão de missangas estiver folgada é sinal de que alguma coisa pode não estar bem e precisa ser investigada. Ou se ela apertar, sinal de crescimento saudável, por exemplo, e se prepara a substituição desta.
- Quando nossos *tinyanga* fazem as cisões (vacinas) para fechar nossos corpos, são coisas de “diabos”. Na contramão, lotam as clínicas, por exemplo, de chineses a busca de acupunturas, que por sinal, forma tradicional e milenar delas/es de curarem aos seus.
- Quando recorremos aos nossos ente queridos que partiram para o plano invisível, para elas/es (brancas/os) encarados como seres “mortos”, “diabos”, e somo exortadas/os a abandoná-las/os e nos livrarmos delas/es. Quando elas/es recorrem a seus “mortos”, são santas/os que devem ser veneradas/os e recorridos na hora de preces e rezas. Como sempre falo, os que seguem o catolicismo/cristianismo rezam para mortos, ainda que não assumam tal ação, **pois nunca vi nenhum/a santa/o “viva/o”**. E pedem que eu, preta, que cultuo minhas ancestralidades abandone os meus, pois são “diabos”. **A conta não fecha.**

Estas reflexões são uma tentativa de contribuir com outros olhares e possíveis caminhos para educações antirracistas que podem ser seguidos em nossas escolas e universidades, articulando o fazer educacional com demais pluralidades epistêmicas. Escolas e universidades que valorizem corpos – referências não brancas como dignas de produção de conhecimentos. Que tragam e acolham narrativas, histórias, tecnologias, engenharias, encantamentos do continente, africanas/os e afrodiaspóricas/os, seus Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas como protagonistas e não como subalternas/os e/ou inexistentes.

É urgente que superemos paradigmas lineares, contados a partir de um ponto de vista, tidos como únicos, verdadeiros, validados e dignos de serem copiados e perpetuados. Se não for pelos sujeitos que nos interpelam, que sejam pelo cumprimento de Leis, como a lei 10639/03, que completa 20 anos de existência e demais instrumentos que obrigam o ensino da história das Áfricas, afro-brasileira, se juntando a 11645/08 que obriga o ensino da história e cultura indígena e demais minorias. Que seja pela devolutiva de voz aos povos africanos e afros, procurando outras formas de validação e centralidade das periferias, fazendo-se valer a ética do cuidado ancestral ao reconhecer o outro, a outra diferente e nele nos reconhecermos e nos reencontramos.

Pois, é na ética do cuidado ancestral em que praticamos os saberes em comunidade, a nossa relação com o sagrado, presente na natureza, no nosso ser bantu, ou seja, no nosso ser pessoas no seu sentido mais amplo, praticando a harmonia, a solidariedade, a justiça, a verdade. É dentro dela que devemos nos guiar para modificar as estruturas impostas para as academias, mulheres, homens, negras/os, indígenas, ciganas/os dentro num sistema de negação desses corpos, que gritam a todo instante o direito à vida, a saúde, a educação. O direito de ir e vir. Direito a fala sem que as máscaras abafem nossas verdades desagradáveis, dores, desejos, ânsias e gozos.

Tenhamos a consciência de que as tecnologias de nossos ancestrais são as que permitiram estarmos nestes espaços para reescrevermos seus passos a partir de outras pedagogias, gramáticas e cartografias, pois eles tiveram tecnologias e engenharias sofisticadas, de formas individuais e coletivas para suas sobrevivências, (re)significando suas vidas por meio, também da Arte, na marrabenta, utse, tufo, umbigadas, nos congados, do hip-hop e rap, no *unyago, mwali*, na capoeira, no samba.

O uso do Txitxopi, uma das mais de 20 línguas faladas em Moçambique, é uma das formas de resistência à imposição das línguas do invasor/colonizador, que coloca suas línguas como únicas de validação de nossas produções. É um afronamento à bomba cultural, falada por Ngũgĩ Wa Thiong’o, cujo efeito “é aniquilar as crenças dos povos nos seus nomes, línguas e entorno natural, na sua tradição de luta, sua unidade e capacidades e, por fim, em si mesmos” (Thiong’o, 1986, p. 7).

Para tal, é urgente que validemos pesquisas sobre os processos sociopolíticos, históricos, culturais que definiram e definem os povos não brancos, visibilizando figuras e processos contra hegemônicos para a construção de outros saberes, a partir de outras lentes e ângulos, trazendo para as salas de aulas autoras/es africanas/os, afro-brasileiras/os/ameafricanas/os, indígenas, quilombolas, ciganas/os, que sustentem os fazeres educacionais e sociedades com relações e conhecimentos plurais, que acolham as múltiplas narrativas e múltiplas sinfonias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda, Ngozi. *The danger of a single story*. Companhia das Letras. 2019.
- ANDRÉ, S. **Outros Saberes, Outros Espaços e Outros Olhares de Mulheres Moçambicanas da Comunidade Yaawo**, 126 Revista da ABPN • v.13, n. 36 • Mar - Mai 2021 • p. 126 – 140.
- ANDRÉ, S.; SILVA. **As nuances do Ser e se Sentir Mulheres das Mulheres dos Vilarejos de Moçambique**. In: MORTARI, L.; WITTMANN, L. T. (orgs.) **As Narrativas Insurgentes: descolonizando**

conhecimentos e interlaçando mundos. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora (Selo Nyota, Coleção AYA, v. 1), 392 p. 2020.

ANDRÉ, S. **O Unyago na Educação da menina/mulher entre o povo yaawo da província do Niassa/Moçambique**, Tese de Doutorado, UFAL, 2019.

ANDRÉ, S. **Você é de onde?**. *ODEERE*, 7(1), 45-61. <https://doi.org/10.22481/odeere.v7i1.10429>, 2022.

AMADIUME, I. **Male Daughters, Female Husbands: Gender and Sex in an African Society**. London: Zed Books, 1987.

AMADIUME, I. **African Women: Voicing Feminisms and Democratic Futures**. Volume 10 InternationalFeminisms: Divergent Perspectives Article 9. Spring 2001.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

AKOTIRENE, Carla. **Ó PA Í PREADA: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas**. São Paulo: Polén, 2020.

BÂ, A. H. **A educação tradicional na África**. Disponível em <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-educacao-tradicional-naAfrica.pdf>>. Acesso em novembro de 2023

CHIZIANE, P. **Eu, mulher por uma visão do mundo**, 2ª Ed, Nandyala livros e serviços, 1994, 17Ltda.

CHIZIANE, P. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, 2000.

CHIZIANE, P. **O ato de colonizar a mente**. Entrevista na Revista Bastião, 31 de março de 2014.

CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana Ngoma Yethu. **O curandeiro e o novo testamento**. Paulina Chiziane Editor, 2 ed. 2015.

CHIZIANE, Paulina e MARTINS, Mariana Ngoma Yethu. **Niketche: Uma história de Poligamia**. Companhia das letras. 2016

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Editora Pedagogo. Lisboa, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura. 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

KIAMUANAGANA Ancy. **Nakomitunaka**. Disponível em: <https://youtu.be/NMdGXOh1Q8>. Acesso em 20 ago. 2023.

LOTT, Tiago Horácio. **A essência contingente e plural da tradução na obra de Ngugi Wa t]Thiong'o**. Monografia, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

MALOMALO, B. **Filosofia da Macumba: a sacralização do corpo do negro na poética de Solano Trindade**. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, 10, 26-42. <https://doi.org/10.5902/2179378639947>, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

OYĚWÙMÍ, O. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minnesota, EUA: University of Minnesota, Press, 1997.

OYĒWŪMÍ, O. **Conceptualizing Gender**: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *In*: African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

RAMOSE, Mogobe. **A importância vital do “Nós”**. Tradução: Luís arcos Sander. *In*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Vol. 340, 2010.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1999.

SEMEDO, Odete. **Em que língua escrever**. *In*: Entre o ser e o amar. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Descolonizar la mente**. Barcelona: Editorial Debolsillo, 2010.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Descolonização mental**: a política da linguagem na literatura africana. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 2021.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Descolonising the mind**: the politics of language in Africa Literature. Harare, 1986.

Recebido em: 8 de novembro de 2023.

Aprovado em: 15 de abril de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/11857>

ⁱ **Sónia André**. (Des)Educadora, Doutora e Mestra em Educação pela UFAL, Especialista em Ensino da Arte-Música, Licenciada em Música, Atriz, Produtora e Diretora de Cinema. Pesquisa sobre práticas tradicionais moçambicanas, juventudes e vulnerabilidades, povos não brancos e demais sujeitos e espaços periferizados. Saberes e espaços endógenos e indígenas, Ritos e Rituais, Educação em espaços também não “escolares”. Outras formas de estar e ser “mulher”, em particular, dos povos não brancos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5080-7556>

E-mail: soniatriz.musica@gmail.com